Aveiro, 17 de Agosto de 1963 * Ano IX * N.º 459

Litoral

SEMANÁRIO

DIRECTOR E EDITOR — DAVID CRISTO ★ ADMINISTRADOR — ALFREDO DA COSTA SANTOS
PROPRIETÁRIOS — DAVID CRISTO E FRANCISCO SANTOS ★ REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO: EM «A LUSITÂNIA» R. DE HOMEM CRISTO — TEL. 23886 — AVEIRO

O BALDIO

Comentário do INSPECTOR GOMES DOS SANTOS

SE me dão licença, eu repetirei com o *Génesis*, com os *Evangelhos* e, até, com a orgulhosa *Ciência* (que o confirma através da revelação de prodigiosas forças da Natureza), que Alguém criou o Universo e, com ele, a Vida.

Não posso lògicamente compreender nem aceitar a máquina assombrosa da Existência, sem Criador.

*

O nosso mundo encheu-se duma infinidade de seres vivos, desde o gigante himbondeiro ao microscópico míldio, e desde os colossais megatérios às invisíveis bactérias.

Se o divino Criador reservou, ao princípio, um lugar determinado, um *paraíso*, para o primeiro homem, não lhe tolheu a liberdade de povoar o orbe terrestre, pois está dito que proferiu estas palavras ordenativas e votivas: «Crescei e multiplicai-vos».

*

Ora era uma vez um minúsculo povo que, debruçado sobre o Mar Atlântico, e tendo nascido à sombra da Cruz, sonhou poder cumprir a palavra do Omnipotente, *crescendo* e *multiplicando-se*, não no pequeno paraíso, donde o homem já havia sido expulso, mas por esse mundo de Cristo fora...

*

Não foi a superfície da Terra, durante milénios e milénios um autêntico *baldio*? Um *logradouro comum?*

Oh! a formidanda e consequente luta do Lusitano, do Português, contra os *Elementos!...*

— Épica, trágica, louca!

*

Que os ignorantes universais da História Moderna rasguem as páginas eternas do mais completo e extraordinário Épico de todos os tempos.

E realizem depois o seu monstruoso esbulho.

*

Nem se fale no prodigioso impulso civilizador e unificador português entre desavindas tribus gentias.

Nem se alegue que mais nenhum outro povo no mundo incarnou a doutrina evangelizadora e irmanizadora que nos estava na caldeada massa do sangue.

Nem se historie que a propriedade rústica e urbana do *Portugal Africano* (não se diga A'frica Portuguesa) é obra do suor português e da ajuda do seu irmão preto, seu compatriota.

Nem se invoque o facto de o terreno inculto e baldio, no direito português, passar à posse legítima do seu cultivador e possuidor pacífico, ao fim de trinta anos, e que, com mais razão, meio milénio de labor e suor lusíada nos dão direito pleno ao baldio inóspito que salubrizámos e enriquecemos com as nossas magras posses.

Continua na página 4

UM ARTIGO DE ALVES MORGADO

DISCOS VOADORES de procedência extraterrena

AS crateras cavadas num batatal de Charlton (Grã-Bretanha) tiveram origem na aterragem (forçada ou voluntária) de um ou mais discos voadores de procedência extraterrena? Muita gente daquela região diz que sim. Nesse caso, de aonde vieram os singulares engenhos? Uns crêem que de Úrano; outros de Júpiter.

Estão a verificar-se, neste curioso mundo em que vivemos, eventos verdadeiramente extraordinários, pelo que não sabemos se é mais legítimo negar se acreditar. Está a reproduzir-se a situação registada em 1954, durante o período mais intenso da ofensiva dos discos voadores. Nessa altura, celebrou-se em Munique uma grande assembleia de teólogos e sociólogos, que discutiram, muito a sério, a atitude que os cristãos deviam assumir em face dos representantes de outras humanidades. «A documentação — disse o Rev.º Phillip Dessauer — reunida até agora a respeito dos discos voadores parece demonstrar, com certeza suficiente, que seres dotados de razão, vindos de outro planeta, observam a Terra há muitos anos. Os seres desconhecidos, procedentes de outros mundos, devem ser considerados pessoas do ponto de vista filosófico e criaturas de Deus do ponto de vista teológico». Por essa altura, o falecido escritor Aquilino Ribeiro escrevia, convicto: «Eu sou dos que acreditam nos discos voadores. Acredito, mais, que vêm de longe, de outro planeta».

De que planeta ou planetas? É legítimo admitir que as covas do batatal de Charlton foram produzidas por discos vindos de Úrano ou de Júpiter? Neste problema há mais razões para formular dúvidas do que para construir crenças. A ciência positiva, no estado actual do conhecimento, nem sequer admite dúvidas. Limita-se a negar a possibilidade de haver discos extraterrenos em trânsito na atmosfera do nosso planeta. Úrano e Júpiter — os dois súbditos solares que de momento nos interessam — não são considerados em condições de albergarem humanidades como a nossa. Mais ainda: Júpiter parece que é um planeta ainda em formação, apesar das suas dimensões gigantescas, parestelares. As teorias mais recentes descrevem-no da seguinte forma, do interior para a periferia: a) um núcleo de determinada variedade de gelo originado por elevadíssimas pressões; b) vasto oceano de gases liquefeitos e comprimidos, a rodear o núcleo; c) uma atmosfera de hidrogénio; d) uma camada de compostos de hidrogénio, parcialmente liquefeitos e parcialmente solidificados, formando as massas nubelosas que dão origem às faixas e outros fenómenos externos recolhidos pela observação telescópica. Por seu turno, Úrano fica a três biliões de quilómetros do Sol. A luz e o calor que recebe não chegam para alimentar a vida, tal como a concebemos.

SECÇÃO DE JORGE MENDES LEAL

PÊSSEGOS para POBRES

TODOS sabemos que os nossos pobres não passam as férias na Cortina d'Ampezzo, não frequentam o Lord Bar, não bebem champanhe francês, nem costumam ser convidados para aprazíveis cruzeiros mediterrânicos no iate de Aristóteles Onassis. Tão-pouco se permitem o luxo de petiscar ovos de esturjão e outros manjares de primeira ordem, na companhia de belas senhoras decotadas e cavalheiros distintos.

Tanto não significa, porém, que os pobres da nossa terra sejam por aí quaisquer criaturas andrajosas e fedorentas, sempre com a mão viciosamente estendida à chamada caridade pública. Pelo contrário. Trata-se duma classe bem vestidinha e asseada, que bebe a sua fresca gasosa de vez em quando e, não há dúvida, tem sempre dinheiro para uma «geral» do Coliseu ou um par de apostas no Totobola. Se quisermos ser perfeitamente honestos e sinceros, deveremos mesmo afirmar que em Portugal não há pobres — mas, apenas, uma especial categoria de indivíduos menos ricos do que a grande massa da população.

Ora, com grosseiríssimo desconhecimento destas verdades elementares, determinada empresa agrícola fez inserir nos jornais diários, sob o incrível título PÊSSEGOS PARA POBRES, o seguinte anúncio: *A Sociedade/.../, possuidora dos maiores pomares do país, continua a proporcionar a toda a gente a possibilidade de saborear os seus excelentes pêssegos, que acabam de ter enorme êxito em Londres, vendendo directamente ao público a 5$00, 6$00 e 3$00 a dúzia e a 35$00 cada caixa de 50/60 pêssegos/.../.* Pessoa amiga nos avisa de que a firma anunciante deve ter estabelecido confusão com os indígenas londrinos, consabidamente nascidos numa nação de nível de vida bastante inferior ao nosso. Mas nem assim nos ocorre desculpa para tamanho disparate.

Na farta e amena terra lusitana, o pobre, de há muito

Continua na página 4

Intensifica-se agora a pacífica e estimável «invasão» do nosso País por estrangeiros, na sua grande maioria Franceses; e a região aveirense é, segundo dizem, das que mais os fascinam, pelo ineditismo duma paisagem em que a água é soberano elemento. Nela se reflecte o céu — e, por vezes, com fantasmagorias inacreditáveis, como esta que fixou a objectiva de Ernesto Amorim dos Reis. O preto-e-branco, contudo, sòmente deixa adivinhar a riqueza policroma do deslumbrante pôr-do-sol

SECRETARIA NOTARIAL DE AVEIRO

Primeiro Cartório

Certifico, que Manuel Domingues, serralheiro mecânico, morador em Verdemilho, freguesia de Aradas, deste concelho de Aveiro, — natural da freguesia de Litem, concelho de Pombal, casado com Maria de Jesus, outorgou nesta Secretaria e na qualidade de justificante numa escritura de Justificação Notarial, nos termos e para os efeitos dos artigos cem do Código do Notariado e duzentos e quinze do Código do Registo Predial, em data de seis de Agosto de mil novecentos sessenta e três, lavrada de folhas dez a quinze verso, do livro próprio número quatrocentos e seis-A, do Primeiro Cartório; e declarou:

Que, ele é, com exclusão de outrem, legítimo senhor e possuidor do seguinte prédio:

A) — Terreno, destinado a construção urbana, com a área de oitocentos e vinte e cinco metros quadrados, sito na Ramalhoa (ou Ramalhoas), limite do lugar de Verdemilho, freguesia de Aradas, deste concelho de Aveiro; a confinar do Norte e Poente com Gilberto Maia do Miguel, Sul Manuel da Cunha Pereira, Nascente com caminho público, — corresponde a um terço do prédio inscrito na matriz rústica no artigo duzentos e três, é parte do prédio descrito na Conservatória do Registo Predial de Aveiro sob o número quatro mil seiscentos e dezanove, do Livro-B-dezasseis, veio ao seu domínio e posse por compra que dele fez, para construção urbana, e pelo preço de vinte contos, a Manuel da Cunha Pereira, operário cerâmico e sua mulher, Maria Celeste de Almeida, doméstica, moradores em Verdemilho sobredito, por escritura de nove de Abril do ano último, lavrada de folhas dezasseis, verso a dezoito, do Livro próprio número cento e três-B, desta Secretaria e Primeiro Cartório, rectificada pela de vinte e seis de Junho do ano corrente, de folhas trinta e duas, verso, a trinta e quatro, do livro próprio número quatrocentos e três-A-, deste mesmo cartório; e, corresponde, outrossim, a metade, pelo Norte, do prédio que os vendedores haviam adquirido pela escritura referida em alínea H) e que do citado artigo de matriz era dois terços;

B) — Que porém, todo esse prédio número seiscentos e dezanove acha-se ainda inscrito na aludida Conservatória em nome de Francisco Patrício do Bem, casado, proprietário, do referido lugar de Verdemilho, — como se alcança da competente inscrição de transmissão número dois mil e seis lançada a folhas sessenta e quatro, verso, do Livro-G-quatro;

C) — Que, assim, e para conseguir na dita Conservatória o registo da transmissão supra (de alínea A) a seu favor, tem de provar as transmissões verificadas do imóvel, a partir do dono inscrito na Conservatória — o nomeado Francisco Patrício do Bem, até ele justificante;

D) — Que, desta forma e porque uma dessas transmissões não pode comprová-la pelos meios normais, pela presente escritura vem proceder à justificação notarial respectiva, nos termos e para os efeitos do disposto nos artigos cem do Código do Notariado e duzentos e quinze do Código do Registo Predial, e correspectivos; e declara:

E) — Que esse nomeado Francisco Patrício do Bem e sua mulher, Rosa Simões de Pinho, proprietários, que foram do referido lugar de Verdemilho, venderam, em data que não pode precisar, mas há quarenta e cinco para cinquenta anos a Manuel Nunes de Oliveira, casado, que foi com Maria de Jesus Pereira, lavrador, morador no lugar de São Tiago, freguesia da Glória, desta cidade de Aveiro, parte destacada daquele seu prédio de alínea B), como prédio distinto, composto de terra lavradia, no dito sítio da Ramalhoa (ou Ramalhoas), limite do lugar de Verdemilho, freguesia de Aradas, concelho de Aveiro, — confrontando do Norte, como do Poente, com Manuel Simões Maia do Miguel, Sul com caminho público, Nascente com Manuel Simões Geraldo, e correspondendo a duas terças partes do ora inscrito na matriz rústica no artigo duzentos e três, com o rendimento colectável de trezentos e catorze escudos, a que corresponde o valor matricial corrigido de nove mil quatrocentos e vinte escudos, mas a que atribui o de quarenta mil escudos, e que é parte do descrito na citada Conservatória em nome desse vendedor sob o indicado número quatro mil seiscentos e dezanove; porém, ignora-se a existência do título formal respectivo, — que assim não pode obter-se.

F) — Que, posteriormente, os nomeados Manuel Nunes de Oliveira e mulher, Maria de Jesus Pereira, lavradores e morador no dito lugar de São Tiago, freguesia dita da Glória, desta cidade, venderam a António dos Santos Marabuto, casado que foi com Crisanta de Jesus Dias, carpinteiro e morador no predito lugar de Verdemilho, por escritura de dezoito de Novembro de mil novecentos e trinta e três, lavrada de folhas vinte e duas, verso, a vinte e quatro, do livro próprio número cento e catorze, da nota do ex-notário desta Secretaria Doutor Simão Leal, esse mesmo seu prédio de alínea E); o qual foi devidamente identificado, então também, como correspondendo às duas terças partes do inscrito na matriz rústica no dito artigo duzentos e três —, mas que, por lapso, na escritura se disse ser ele na referida Conservatória o aí descrito sob o aludido número quatro mil seiscentos e dezanove, quando antes deveria ter-se dito ser, como era, parte do ali descrito sob esse número quatro mil seiscentos e dezanove; e

G) — Que, posteriormente ainda, e respectivamente em seis de Julho de mil novecentos e cinquenta e um, e em vinte e dois de Setembro de mil novecentos e cinquenta e nove, faleceram os indicados Crisanta de Jesus Dias e marido, António dos Santos Marabuto; e por morte destes procedeu-se à partilha dos bens do seu casal, por escritura de vinte e oito de Abril de mil novecentos e sessenta e um, lavrada de folhas vinte e oito, verso, a trinta e duas, verso, do livro próprio número noventa e dois-B-deste Primeiro Cartório, sendo que entre os bens aí partilhados figurou o citado prédio de alínea E) e F), na forma referida, mas confrontando à data da partilha, do Norte com herdeiros de Manuel Maia do Miguel, Sul com caminho, Nascente com Manuel Geraldo, Poente com herdeiros de Adelino Valente; e, tendo tal prédio ali ficado adjudicado na proporção de um quinto, aos interessados co-herdeiros: Paulo dos Santos Marabuto, mestre de obras, natural da sobredita freguesia de Aradas e mulher, Maria Cândida Nunes Alves, doméstica, natural da freguesia e concelho de Ílhavo, moradores na Chousa-Velha, da vila de Ílhavo; — Fernanda dos Santos Marabuto, doméstica, e marido, César dos Santos Gaspar, padeiro, naturais da dita freguesia de Aradas, e nela residentes; — Maria Amália, doméstica e marido, Carlos Costa Quintã, pedreiro, ela natural da dita freguesia de Aradas, ele natural da freguesia de Préstimo, concelho de Águeda, moradores em São Tiago, sobredita freguesia da Glória, desta cidade; — Ilda dos Santos Dias, doméstica, natural da freguesia dita de Aradas e marido, Manuel Saraiva Batel, comerciante, natural da vila de Ílhavo, moradores em Aveiro; — e Maria Eduarda dos Santos Dias, solteira, de maior idade, doméstica, natural da referida freguesia de Aradas, moradora em Aveiro;

H) — Que, seguidamente ainda e por escritura também de vinte e oito de Abril de mil novecentos e sessenta e um, lavrada de folhas trinta e duas a trinta e quatro, do livro próprio número trezentos e setenta e cinco-A, deste Primeiro Cartório, os nomeados Paulo dos Santos Marabuto e mulher; — Fernanda dos Santos Marabuto e marido; — Maria Amália e marido; — Ilda dos Santos Dias e marido; — e Maria Eduarda dos Santos Dias, venderam, para o efeito de construção urbana, a Manuel da Cunha Pereira, identificado em alínea A), natural da freguesia de S. Martinho da Gândara, concelho de Ponte de Lima, aquele dito prédio que lhes foi adjudicado na partilha e referido em alínea G), que é sempre o mesmo desde alínea E), mas especificando-se nesta última escritura ter ele a área de mil seiscentos e cinquenta metros quadrados; e,

I) — Que, finalmente, estes Manuel da Cunha Pereira e mulher, Maria Celeste de Almeida (identificados em alínea A) e ela natural da freguesia de Préstimo, concelho de Águeda) venderam a ele outorgante justificante, também para construção urbana, aquele prédio descrito na mesma alínea A), de harmonia ou nos precisos termos ali declarados, e que se alcançam da respectiva escritura de venda e compra e sua rectificação, ditas; e o qual corresponde, outrossim, a metade pelo Norte dos referidos em alíneas E), F), G), H), supra;

J) — Que, as sobreditas duas terças partes do prédio inscrito na dita matriz no artigo duzentos e três acham-se ali ainda inscritas em nome do citado António dos Santos Marabuto; — da referida transmissão de alínea E) ignora-se como disse, a existência do respectivo título formal — que possivelmente não existe, pelo que se acha impossibilitado de a comprovar pelos meios normais. São as acima apontadas, nos termos e para os efeitos das citadas disposições legais, as transmissões verificadas do prédio descrito na predita Conservatória sob o número quatro mil seiscentos e dezanove, desde o nomeado dono inscrito na mesma até ele outorgante-justificante; — e, tudo quanto dito fica é exacto e a inteira expressão da verdade, o que afirma sob sua responsabilidade pessoal.

Que, todas as declarações prestadas foram confirmadas por António de Almeida Vidal Neto, casado; José dos Santos Veiga, viúvo; e José de Oliveira, também viúvo — e todos três agricultores, moradores em Verdemilho, freguesia de Aradas, deste concelho, e dali naturais.

É certidão narrativa, que vai conforme ao original na parte transcrita a que me reporto e na parte omitida nada há que amplie, restrinja, modifique ou condicione a parte transcrita.

Aveiro, Secretaria Notarial, doze de Agosto de mil novecentos sessenta e três.

O Ajudante da Secretaria,

Celestino de Almeida Ferreira Pires

Na COMPANHIA PORTUGUESA DE CELULOSE

dia festivo, na comemoração do 10.º aniversário do "arranque" da FÁBRICA DE CACIA

1 O sr. Eng.º Vasco Pessanha, Administrador da Celulose, pronunciando o seu discurso.

2 Um momento da cerimónia de entrega de prémios aos funcionários da Celulose.

3 Um aspecto da assistência ao almoço de confraternização dos dirigentes e funcionários da Celulose.

Constituída em 1941, a Companhia Portuguesa de Celulose teve a sua licença inicial em Março de 1942, sendo de 24 de Abril de 1947 a decisão do Conselho de Ministros no sentido de considerar o fabrico de celulose como indústria-base.

Nasceu, assim, uma das mais importantes, poderosas e florescentes unidades industriais do Distrito de Aveiro e do País, que, posteriormente, no segundo semestre de 1953, começou a fabricar, em Cacia, pasta crua.

No ano imediato, a Celulose iniciou o fabrico de papel kraft; e, em 1955 e em 1957, principiaram, respectivamente, os fabricos de papel de jornal e de pasta mecânica.

Mercê da segura orientação e dos esforços dos seus dirigentes e dos seus técnicos, aliados ao trabalho dos seus funcionários e operários, a Companhia Portuguesa de Celulose tem vindo a desempenhar acção de excepcional relevância no surto de progresso bem evidente na região de Aveiro e ocupa posição de grande destaque no plano da economia nacional, agora que justamente se completaram dez anos sobre a data que marcou o início da sua laboração.

Comemorando a passagem do décimo aniversário do «arranque» da importante empresa fabril, realizou-se em Cacia, no pretérito domingo, uma expressiva festa de confraternização, que reuniu a presença de 1500 pessoas — número em que se incluem dirigentes, técnicos, empregados de escritório e operários, tanto da sede da Companhia, em Lisboa, como das instalações de Cacia.

Ao começo da tarde, no novo e vastíssimo edifício da Fábrica de Cartão Canelado, que na altura se inaugurava, realizou-se um almoço, a que presidiu o sr. Dr. Manuel do Espírito Santo Silva, Presidente da Assembleia Geral da Companhia Portuguesa de Celulose.

Na mesa de honra, viam-se, também, os membros do Conselho de Administração, srs. Eng.º Eduardo Rodrigues de Carvalho, Eng.º Vasco Quevedo Pessanha, Eng.º Manuel dos Santos Mendonça, Dr. António Ferreira de Almeida e Dr. Mário Roseira; os membros do Conselho Fiscal, srs. Eng.º António Maria Fernandes, Eng.º José Luís Calheiros, Manuel Queirós Pereira e Comandante Mello Breyner; o Secretário da Assembleia Geral, sr. Eng.º Eduardo Cansado de Carvalho; o Adjunto da Administração, sr. Eng.º Galamba de Oliveira; o Consultor Técnico, sr. Eng.º Segismundo Saldanha; os diversos directores e chefes de serviços da Fábrica de Cacia, srs. Eng.º Luís Bernardo Rolo, Eng.º José de Magalhães e Meneses Villas-Boas, Eng.º Jorge de Brito Vasques, Eng.º Júlio Ferreira Lopes, Dr. José Manuel Canavarro, Eng.º Rui Ribeiro, Dr. Eduardo Lamy Laranjeira, Eng.º Carlos Valente, Eng.º Alberto Frazão, Eng.º Adelino Pedro Ferreira, Eng.º Pereira Dias, Eng.º José Alexandre Martins Mourão, Dr. Isolino Viterbo, Dr. José Carlos Ribeiro, Dr. José Vinagre, Dr. Lúcio Lemos, Eng.º Rui Burmester e Eng.º Pinho e Melo; o Inspector-Delegado da Administração, sr. Dr. Henrique Souto; o médico da Companhia, sr. Dr. Bento da Cunha; e os funcionários superiores srs. Carlos Leal, Luís Teixeira e António Pericão Galo.

Usou da palavra, em primeiro lugar, o Presidente do Conselho de Administração da Celulose, sr. Eng.º Eduardo Rodrigues de Carvalho, que principiou por pedir que se guardasse um minuto de silêncio em memória dos elementos da Companhia já falecidos.

A seguir, saudou o sr. Dr. Espírito Santo Silva, pondo em relevo o auxílio e o decisivo apoio que desde sempre dispensara à Celulose.

Mais adiante, o sr. Eng.º Rodrigues de Carvalho salientou o carácter e o significado da festa, uma pura reunião familiar, cuja realização há muito estava no espírito dos membros da Administração e agora se efectuava aproveitando-se a passagem do décimo aniversário do «arranque» da Fábrica de Cacia e a circunstância de se ter duplicado a área das instalações da Fábrica de Cartão Canelado.

Prosseguindo, rememorou a acção desenvolvida pela Celulose durante os seus dez anos de vida, e lembrou os trabalhos efectuados, quando da fundação da empresa, pelos srs. Eng.º Santos Mendonça, Eng.º Quevedo Pessanha e Dr. Espírito Santo Silva.

E, a concluir, o sr. Eng.º Ribeiro de Carvalho salientou os resultados já obtidos na primeira década de laboração da Celulose, e fez votos para que, de futuro, sempre se venha a verificar um firme surto de melhoria e proficiência em todos os sectores da empresa.

Logo após o discurso, efectuou-se a cerimónia de distribuição de distintivos, medalhas e salvas de prata aos dirigentes, técnicos, empregados e operários da Celulose — em número de 164 — que contam mais de dez anos de serviço.

Falou, depois, o sr. Eng.º Vasco de Quevedo Pessanha, na sua qualidade de mais directo responsável pela laboração da fábrica, tendo afirmado, a dada altura:

/.../ «o desenvolvimento crescente da nossa empresa deve-se à dedicada colaboração, ao leal espírito de equipa e trabalho harmonioso que com o exemplo recebido dos corpos gerentes se transmitiu a todo o pessoal, não esquecendo o mais modesto dos assalariados, constituindo assim a família da Celulose de Cacia.

Tem sido este espírito de harmoniosa colaboração que permite que a nossa empresa venha vencendo as dificuldades que a indústria da celulose e do papel atravessa mundialmente nestes últimos anos.

Esta crise tem sido motivada por um enorme excesso de produção, que obrigou os grandes centros europeus a reduzirem as suas fabricações em cerca de 25 %, enquanto que, em Cacia, se conseguiu que tal crise não se fizesse pràticamente notar, tendo mesmo a nossa produção aumentado, graças ao esforço notável de todos e, em especial, dos nossos engenheiros que, durante as suas férias no estrangeiro, aproveitaram para tomar conhecimento das últimas realizações técnicas postas já em prática nos países aonde a nossa indústria está mais desenvolvida.

Não quero deixar de dizer que o nome da Celulose de Cacia hoje é considerado na Europa como modelo de indústria, pelas suas realizações técnicas e pela sua maneira de trabalhar. Isto se comprova com a assistência técnica que já estamos prestando e por outras consultas que nos foram feitas.

Para nós, portugueses, sobretudo no momento difícil que atravessamos — mas que havemos de vencer — é motivo de vaidade o que acabo de expor, e só por si nos compensa dos esforços dispendidos durante todos estes anos.

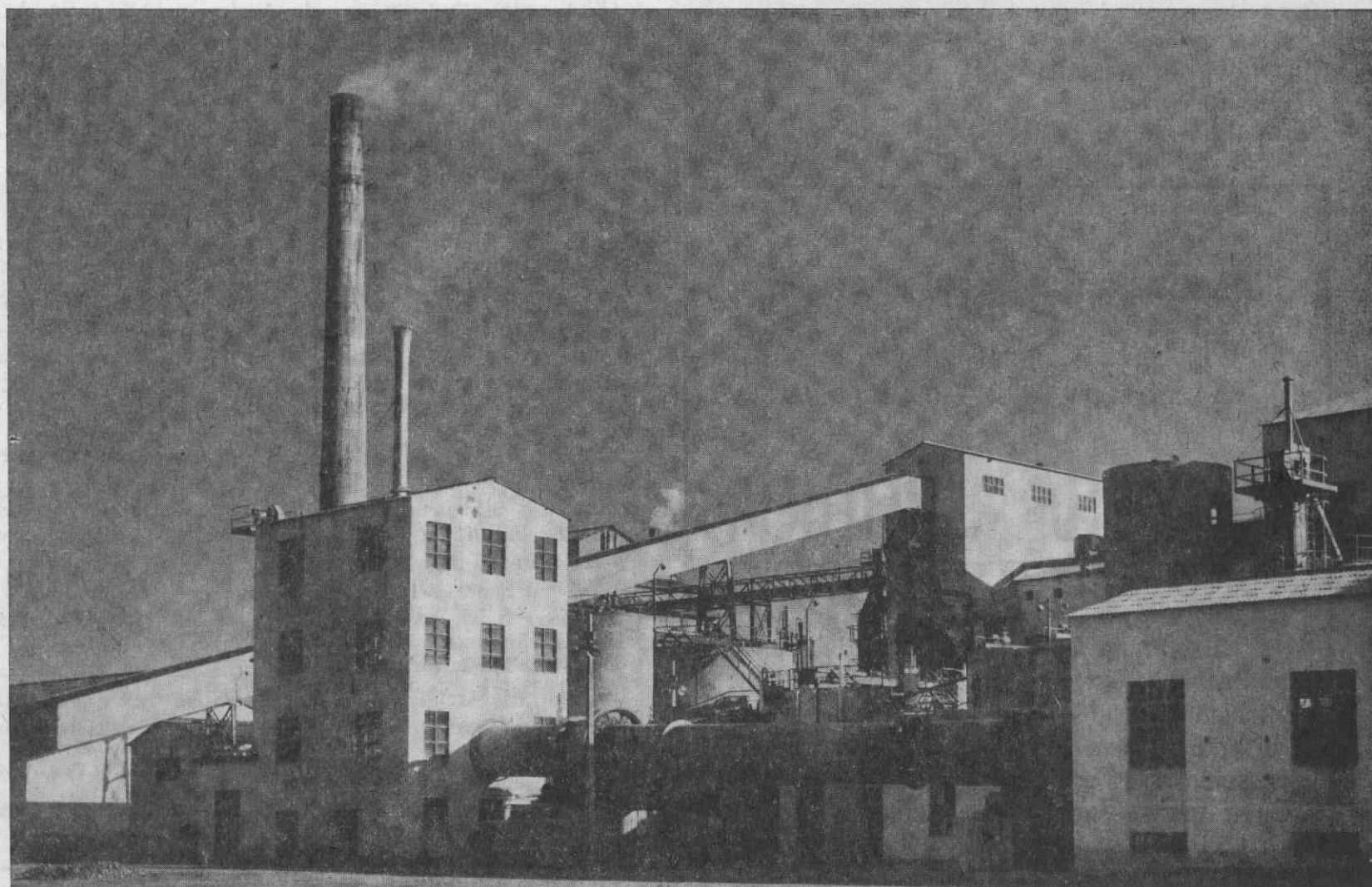
No entanto, no campo industrial, e no caso em especial, não podemos viver do passado; mas, antes, há que prosseguir à frente do progresso e assim é que, neste momento, procuramos activamente não só melhorar as qualidades dos nossos produtos como ainda aumentar a nossa capacidade, para, principalmente, podermos continuar a melhorar as condições de todos aqueles que com tanta dedicação e trabalho sério fazem parte da Celulose de Cacia.»

Num brilhante improviso, o sr. Eng.º Manuel dos Santos Mendonça pôs em evidência a colaboração prestada pela Celulose no surto de ressurgimento económico processado no País e ergueu vivas a Portugal e à Celulose, vibrantemente correspondido por todos os assistentes.

Em nome do pessoal superior da Fábrica de Cacia e em nome dos seus operários, falaram, seguidamente, os srs. Eng.º José de Magalhães e Meneses Villas Boas e António Rosa — que agradeceram aos administradores da Celulose a realização daquela festa e a iniciativa das lembranças oferecidas ao pessoal que completara os dez anos ao serviço da empresa.

À noite, no mesmo recinto, realizou-se um espectáculo de variedades dedicado ao pessoal da Celulose e suas famílias. Actuaram os artistas da Rádio e T. V. Max, Mena Matos, Adelina Silva, Maria Albina e Teresa Maria Pinto, o Conjunto Beira Mar e a Orquestra Porto e ainda o locutor Sousa Pereira e os guitarristas Samuel Paixão e António Paixão.

No intervalo do espectáculo, foram distribuídos prémios aos concorrentes melhor classificados nas provas de pesca desportiva promovidas pelo Centro de Alegria no Trabalho da Celulose. Presidiram à cerimónia os srs. Eng.º Quevedo Pessanha e Dr. Ferreira de Almeida, administradores da Companhia, e o sr. Dr. Lúcio Lemos, director do referido Centro de Alegria no Trabalho.

O forno rotativo de cal no conjunto da caustificação — um dos muitos edifícios da Fábrica da Companhia Portuguesa de Celulose, em Cacia

SERVIÇO DE FARMÁCIAS

Sábado. . .	A L A
Domingo . . .	M. CALADO
2.ª feira . . .	AVEIRENSE
3.ª feira . . .	SAÚDE
4.ª feira . . .	OUDINOT
5.ª feira . . .	NETO
6.ª feira . . .	MOURA

Serviço Telefónico Automático no Norte do Distrito

A Administração-Geral dos C. T. T. inaugurou no domingo passado o serviço telefónico automático do Grupo de Redes de S. João da Madeira — importante melhoramento que se integra na automização do País e importou em perto de 60 mil contos.

Este serviço abrange uma vasta área do Norte do Distrito de Aveiro, em que se incluem os concelhos de Arouca, Oliveira de Azeméis, Ovar, S. João da Madeira, Vale de Cambra e Vila da Feira, e que passou agora a dispor de melhores e mais rápidas ligações telefónicas.

Presidiu à cerimónia inaugural o sr. Ministro das Comunicações, Eng.º Carlos Ribeiro, encontrando-se ainda presentes o sr. Governador Civil de Aveiro, Dr. Manuel Louzada, altos funcionários dos C.T.T. e outras entidades oficiais.

Museu de Aveiro

★ Na tarde de quinta-feira, 8 do corrente, o ilustre Ministro das Comunicações, sr. Eng.º Carlos Ribeiro, efectuou uma visita particular ao Museu de Aveiro, percorrendo-o demoradamente, acompanhado por sua esposa.

★ Na última quinzena, foi ainda o Museu visitado pelos srs. Prof. Luís Reis-Santos, Director do Museu Machado de Castro e Professor de História da Arte da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra; Professor Robert C. Smith, da Universidade de Pennsylvania (Filadélfia), que está presentemente a efectuar o «Inventário da Talha em Portugal», sob o patrocínio e a iniciativa da Fundação Calouste Gulbenkian; Dr. António da Rocha Madail, Director do Museu Municipal de Ílhavo; Dr. Carlos de Azevedo, Conservador do Museu Nacional de Arte Contemporânea e Secretário da Comissão Cultural Luso-Americana.

★ O painel de NOSSA SENHORA DO MAR, de João Carlos, foi adquirido pela Junta Distrital de Aveiro. Sugeriu a compra do painel à mais representativa autarquia da região e distrito de Aveiro o ilustre Director do Museu, Dr. António Manuel Gonçalves, tendo o alvitre o melhor acolhimento pelo então Presidente, sr. Dr. António Rodrigues, unânimemente coadjuvado pelos dignos membros da Junta. Veio esta a deliberar a compra na reunião ordinária de 11 de Julho findo e a confiar o «estudo»-painel do malogrado artista ilhavense à guarda e conservação do Museu de Aveiro. Este honroso depósito, na galeria primeira do distrito, foi autorizado por despacho do sr. Ministro da Educação Nacional, de 5 de Agosto corrente.

Reunião de antigos alunos da E. I. C. A.

Realiza-se no próximo dia 21, quarta-feira, pelas 21 horas, na Escola Industrial e Comercial de Aveiro, mais uma reunião com a finalidade de constituir o Núcleo dos Antigos Alunos daquele estabelecimento de ensino.

Porto Bacalhoeiro

A Junta Autónoma do Porto de Aveiro foi autorizada a celebrar contrato com Serafim Pinto Guimarães Júnior para a execução das obras de adaptação de um troço da antiga Estrada Nacional n.º 109-7 a um arruamento do porto bacalhoeiro de Aveiro, pela importância de 326 082$60, acrescida de 73.917$40 para ocorrer a possíveis aumentos das quantidades de trabalho constantes do projecto.

A Praça do Marquês de Pombal

Aproxima-se do seu termo, com trabalhos que se processam em ritmo bastante lento, as obras de traformação da Praça do Marquês de Pombal — cujas faixas de rodagem há poucos dias ficaram já utilizáveis.

Visita ao Regimento de Infantaria 10

Na manhã da penúltima quarta feira 7 do corrente, visitou o Regimento de Infantaria n.º 10 o sr. General Amadeu Buceta Martins, Comandante da 2.ª Região Militar, acompanhado do seu ajudante, sr. Tenente Francisco Xavier Pinheiro Torres de Meireles.

Aqueles oficiais retiraram-se para Tomar, sede da Região, cerca das 15 horas, depois de terem almoçado com a oficialidade do R. I. 10.

As Obras de Saneamento

Por despacho do Ministro das Finanças, a Câmara Municipal de Aveiro foi autorizada a contrair um empréstimo de 2.000 contos na Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência, destinado a várias obras referentes ao saneamento da cidade.

CÂMARA MUNICIPAL DE AVEIRO

Edital

1.ª publicação

Eng.º Agr.º Henrique de Mascarenhas, Presidente da Câmara Municipal do Concelho de Aveiro:

Faço público que *António Bernardino Torres Figueiredo*, residente na Rua Comandante Rocha e Cunha, n.º 22, da freguesia da Vera-Cruz, desta cidade de Aveiro, requereu no sentido de ser autorizado a trasladar os restos mortais de *João Santos Pereira*, do Jazigo-Capela n.º 18/73, do Cemitério Central, para a sepultura n.º 1060 do 4.º talhão do mesmo Cemitério.

Dá-se conhecimento do pedido aos parentes mais próximos, para deduzirem, querendo, perante esta Câmara, no prazo de *vinte dias*, contados da 2.ª publicação destes, qualquer oposição à transladação referida.

Findo este prazo, o pedido será deferido, se se verificar não haver quem, nos termos da lei, prefira ao requerente no direito de dispor dos referidos restos mortais.

Paços do Concelho de Aveiro, 10 de Agosto de 1963

O Presidente da Câmara,

Henrique de Mascarenhas
Eng.º Agr.º

CRÓNICAS ALEGRES

— Continuação da primeira página —

efeito a pagar um conto de réis pela renda dum andarzinho, ou a comprar por bom preço um peixe tão exótico como o bacalhau, não precisa de que lhe ofereçam o reles pêssego a 7$50 a dúzia, numa atitude de evidente insulto ao bem-estar do povo e às orgulhosas disponibilidades da bolsa de cada um. Há que respeitar a nossa altiva mediania, que não se compadece com tratamentos de desprezo e preconcebidos diagnósticos de miséria pura.

Convencidos de interpretar o sentimento da maioria, aqui deixamos consignado o nosso protesto contra aqueles que pretendem denegrir — agora pelo modo mais insólito... — as consoladoras realidades que tão abençoadamente disfrutamos. E connosco, diz-nos o coração, encontram-se neste momento todos os pobres nossos compatriotas, dignos membros dum escalão social que, nunca é demais repeti-lo, terá sempre uma nobre tarefa a cumprir no perturbado mundo contemporâneo!

Quando se calca aos pés o mais simples bom senso para rascunhar um anúncio de tal jaez, conviria recordar, entre outras coisas, que pobres e mui pobres foram certas figuras insignes da actualidade nacional — como, por exemplo, a divina cantora Amália e o laureado futebolista Eusébio...

Jorge Mendes Leal

O BALDIO

Continuação da primeira página

Olhem a América do Norte, povoada e governada por gente que dali não era.

Olhem os *ben-belas* das arábias, que de África não eram!

Olhem...

Olhe cada um para si, e cale-se caladinho.

*

Era também uma vez um terreno baldio, — inculto desde o princípio do mundo. Tive a sorte e a ventura de o cavar e semear eu, por mim.

Que trabalhos, que privações para o criar desde há dezenas de anos!

Pois bem:

Que dor, que revolta não sentiria eu, se um potentado aconselhasse os vizinhos a dizer-me:

— Larga! Sai! Isso não é teu!...

— Oh! o monstruoso, o ilegítimo esbulho!

— E, afinal, para quê?

— «Demais sei eu!

Por isso brado ao Céu.
Por isso brado e bradarei
Do fundo da minh'alma:
— Àqui, d'el-rei!
Aqui, d'el-rei!...»

Aveiro, 12-8-1963

Gomes dos Santos

Exibição Folclórica no Jardim Público

Na sequência da série de exibições folclóricas que promove na nossa cidade durante a quadra estival, a Comissão Municipal de Turismo organiza esta noite, a partir das 21.30 horas, um festival em que actuará o «Rancho Folclórico Esticadinhos», de Cantanhede.

Rotary Clube

No passado dia 5, no Restaurante Galo de Ouro, realizou-se mais uma reunião do Rotary Clube de Aveiro, sob a presidência do sr. Arnaldo Estrela Santos.

Após a protocolar saudação à Bandeira Nacional, feita pelo sr. David Melo, o Secretário do Rotary de Aveiro, sr. António Ferreira Leite Pais, ocupou-se da leitura do expediente.

Usou a seguir da palavra o Presidente do Clube, para prestar homenagem ao sr. António Gaudêncio de Almeida Meneses, pelos esforços que tem realizado e pelos resultados que tem obtido nos seus exames liceais — embora lutando com falta de recursos e de tempo para os estudos.

No mesmo sentido, falou o sr. Carlos Grangeou Ribeiro Lopes, salientando a perseverança do homenageado — a quem Rotary Clube concedeu um prémio especial.

O sr. Dr. Alberto Ferreira Neves, recentemente regressado de Luanda, onde esteve cerca de dois anos a prestar serviço no Hospital Militar, proferiu a palestra regulamentar, subordinada ao tema «Impressões colhidas durante a minha estadia em Angola». O trabalho, pelos aspectos focados, concitou enorme interesse e foi bastante apreciado e aplaudido.

Usaram ainda da palavra os srs.: Carlos Manuel Gamelas, que tratou de problemas rotários; António Gaudêncio de Almeida Meneses, para agradecer a homenagem de que fora alvo; e Eng.º António da Nóbrega Canelas, que fez o comentário da reunião.

Finalmente, o Presidente do Rotary Clube de Aveiro, sr. Arnaldo Estrela Santos, encerrou a reunião, congratulando-se pelo seu interesse e brilhantismo.

Reunião de Curso

No último sábado, realizou-se em Aveiro uma reunião dos alunos que cursaram o Liceu de José Estêvão entre os anos lectivos de 1936-37 e 1942-43. A comissão promotora da simpática reunião de curso era composta pelas sr.as D. Esmeralda Rainho, D. Maria da Luz Lima e D. Noémia Vital, e pelos srs. Luís Alberto Casimiro, Eng.º Alberto Branco Lopes e Aristides Leite Ferreira.

Feita a concentração dos antigos académicos aveirenses junto da igreja da Misericórdia, foi celebrada neste templo, pelas 10 horas, missa de sufrágio pelos colegas e professores falecidos.

Às 11 horas, efectuou-se uma visita ao edifício do antigo Liceu de José Estêvão; e, às 12 horas, iniciou-se um agradável passeio de lancha pela Ria.

Na Pousada da Ria, houve um almoço de confraternização, a que assistiram o actual Reitor do Liceu de Aveiro, sr. Dr. Orlando de Oliveira, e ainda os antigos professores do Liceu de José Estêvão srs. Dr. Álvaro Sampaio, Dr. Francisco Ferreira Neves e Dr. José Gomes Bento.

Aos brindes, usaram da palavra, salientando o significado da festa, os srs. Eng.º Alberto Branco Lopes e Dr. Orlando de Oliveira.

Agressão mortal

Em remate duma discussão entre José da Rocha Neto (o «José Redondo»), proprietário e comerciante, residente na próxima povoação da Quinta do Gato, e o seu criado Júlio da Costa Carvalho, solteiro, de 32 anos, natural do lugar e freguesia de Paços de Vilharigues, Vouzela, o primeiro agrediu o último com uma forquilha.

O agressor e o agredido, com outros, procediam ao carregamento de uma camioneta com erva seca, na quinta da sr.ª Condessa de Taboeira.

A forquilha, que foi arremessada, atingiu o infortunado Júlio na cabeça. Tardiamente conduzido ao Hospital de Santa Joana, e, ao que parece, só por diligências da ilustre e benemérita proprietária da quinta, que o mandou transportar no seu automóvel logo que teve conhecimento da ocorrência, o agredido veio a falecer pouco depois de lhe serem prestados os primeiros socorros.

O acontecimento, ao que consta, teria passado como mero acidente de trabalho, se não fossem as diligências dos guardas da G. N. R. António Figueira e António Bernardo, os quais, tendo surpreendido uma conversa, logo se apressaram a comunicá-la ao primeiro cabo Jaquim Nunes de Matos.

O caso já foi entregue ao Tribunal.

Cartões de Visita

FAZEM ANOS

Hoje, 17 — Os srs. Dr. António Fernando Marques, Rui Alberto Ferreira Lebre e António José Ferreira Guedes Pinto.

Amanhã, 18 — As sr.as D. Rosa Cardoso Loureiro Ferreira Nunes, esposa do sr. Ricardo André Ferreira Nunes, D. Maria Madalena Ferreira da Fonseca, D. Maria da Luz Rosette Nabuco, D. Maria de Jesus Velhinho e D. Felicidade Henriques de Oliveira e Silva; os srs. Comandante Álvaro Pessa e Francisco Augusto Duarte; e a menina Maria Eugénia, filha do sr. Rui Torres Vilas.

Em 19 — As sr.as D. Maria Alice Carneiro Pinheiro Rodrigues, esposa do sr. Eng.º Manuel Rodrigues, e D. Maria Fernanda Teles Monteiro, esposa do sr. Dr. Amilcar Teles Monteiro; o os srs. Dr. José Vieira Gamelas e Pompeu de Melo Figueiredo.

Em 20 — A sr.ª D. Maria de Lourdes Portugal de Barros Pereira Campos Rocha, esposa do sr. Duarte Vaz Pinto Correia da Rocha; os srs. José Augusto Teixeira da Rocha, José Maria Deus da Loura e Manuel de Matos Lima; as meninas Maria da Luz, filha do sr. Eugénio Cerqueira da Encarnação, e Helena Maria, filha do sr. Luís de Pinho Bernardo; e os meninos José Manuel Martins Morais Sarmento, filho do sr. Manuel de Morais Sarmento, Arlindo Gouveia da Cunha, e Carlos Amável dos Santos Valente, filho do sr. Carlos Valente.

Em 21 — As sr.as D. Augusta Pinto Ribeiro de Vilhena e D. Augusta de Oliveira Marques Ramos; os srs. Dr. Cândido Quininha, Feliciano Moreira, Augusto Duarte, Aurélio Martins de Campos, Fernando Canha de Carvalho Catarino e Viriato Patrício do Bem, aveirense ausente na cidade da Beira (Moçambique) e o nosso apreciado colaborador Joaquim António Gaspar de Melo Albino; a menina Ângela Maria de Castro Peixinho, filha do sr. João dos Santos Peixinho; e o menino José Domingos da Silva Dinis e Cravo, filho do sr. Júlio Dinis Cravo.

Em 22 — As sr.as D. Joana Virgínia da Rocha e Cunha Amorim de Lemos, esposa do sr. Dr. Alberto Rafael Amorim de Lemos Marques Mano, e D. Maria Alice Fernanda Pinto Mendes Belo; o sr. José Mário Catarino Praia; e as meninas Emília Maria Limas Belmonte Pessoa, filha do sr. Mário de Sequeira Belmonte, e Maria Arlete, filha do sr. João de Oliveira.

Em 23 — A sr.ª D. Eugénia das Neves, esposa do sr. Fernando Pinho Vinagre; e a menina Maria Odette Casal de Carvalho, filha do sr. João Evangelista Andrade de Carvalho.

NASCIMENTO

No domingo, no Porto, nasceu a primeira filhinha ao casal da sr.ª Dr.ª D. Maria Fernanda da Costa Cerqueira de Castro Lopes e do sr. Eng.º Guilherme de Castro Lopes.

A neófita é neta do nosso dedicado e apreciado colaborador Eduardo Cerqueira.

Os nossos parabéns

ENG.º BENTO MANUEL ARAÚJO

Concluiu a sua formatura em Engenharia Quimica no Instituto Superior Técnico, em Lisboa, tendo obtido elevadas classificações, o nosso conterrâneo sr. Eng.º Bento Manuel da Graça Araújo, filho da sr.ª D. Rosa Eulália da Graça Araújo e do saudoso Dr. Manuel Araújo.

As nossas felicitações

EXAMES

Prestou brilhantes provas dos exames do 2.º grau e admissão ao Liceu a menina Anabela dos Santos Silva Tavares, gentil filhinha do nosso bom amigo Major Domingos Américo Pires Tavares, que se encontra em serviço por terras do Ultramar.

DOENTES

★ Encontra-se enfermo e retido no leito o nosso amigo sr. José Maria Magalhães e Meneses Albuquerque.

★ Esteve internado na Casa de Saúde da Vera-Cruz, onde foi operado, com pleno êxito, o sr. Eng.º Manuel Gonzalez Queirós.

Aos enfermos desejamos rápido e completo restabelecimento

A Expansão Universitária na Grã-Bretanha

Continuação da sétima página

lor de 17,5 milhões de libras (1.400.000 contos). Actualmente o montante gasto em todos os projectos entre 1953 e 1962 eleva-se a 126 milhões de libras (10.080.000 contos).

Se bem que as universidades britânicas recebem actualmente auxílio financeiro do Estado, são organismos independentes, autónomos, que se governam a si mesmos e que não dependem do controle de qualquer repartição estadual. As verbas votadas pelo Governo são distribuídas às universidades individualmente consideradas, segundo o parecer da Comissão de Verbas Universitárias. Os membros desta comissão são nomeados pelo Chanceler do Tesouro em função da sua experiência no campo académico e industrial e é responsabilidade desta comissão aconselhar o Governo e ser ouvida sobre as necessidades financeiras das universidades, distribuindo por elas o dinheiro que o Governo dispensa em verbas. Aparte um acordo existente entre as universidades e segundo o qual os salários académicos devem ser pagos em função duma escala comum, cada universidade gasta a verba que lhe foi destinada, juntamente com as suas outras receitas, da maneira que entender melhor. As próprias universidades têm completa independência na sua política académica e na nomeação do seu pessoal docente.

Desportos

Continuações da última página

TORNEIO DE ABERTURA

4 de Setembro
Feirense - Oliveirense
Sanjoanense - Espinho

8 de Setembro
Oliveirense - Espinho
Beira-Mar - Sanjoanense

11 de Setembro
Beira-Mar - Oliveirense
Sanjoanense - Feirense

15 de Setembro
Feirense - Espinho

Em data a indicar
Beira-Mar - Feirense

Problema que reclama urgente solução

Cremos que o seu custo seria diminuto — e, por isso, daqui apelamos para a edilidade ilhavense no sentido de encontrar uma solução urgente para o importante problema, um problema de real interesse para a desejada valorização daquela zona, em que a Natureza esbanjou imensas e inaproveitadas benesses...

Regimento de Infantaria n.º 10

O Conselho Administrativo do Regimento de Infantaria n.º 10 faz saber que no dia 24 do corrente, pelas 10 horas, se procede à venda em hasta pública de diversos artigos de material de instrução julgados incapazes, tais como: Bolas para Futebol, Bolas para Basquetebol, Camisolas para Basquetebol, Calções para Ginástica, Meias para Futebol, etc..

Quartel em Aveiro, 9 de Agosto de 1963

O Chefe da Contabilidade,
Fernando Caldeira Betencourtt
Tenente

Ministério da Saúde e Assistência
Delegação da Zona Centro do Instituto de Assistência Psiquiátrica

EDITAL

Escola de Enfermagem

MATRÍCULAS

De 15 a 31 do corrente mês, estão abertas as matrículas para os alunos de ambos os sexos, habilitados com os Cursos Geral de Enfermagem e de Auxiliares de Enfermagem, que desejem frequentar, respectivamente, os Cursos de Enfermagem Psiquiátrica e de Auxiliares de Enfermagem Psiquiátrica.

Quaisquer informações serão prestadas na Secretaria da Escola (Avenida Sá da Bandeira, 85 — Coimbra), em qualquer dia útil, das 9.30 às 17 horas.

Coimbra, 8 de Agosto de 1963

O Director,

Dr. Domingos Vaz Pais

«Empresa Cinematográfica Aveirense, Limitada»

SECRETARIA NOTARIAL DE AVEIRO

Primeiro Cartório

Certifica-se, que, por escritura de três de Agosto de mil novecentos e sessenta e três, lavrada de folhas uma a folhas sete, verso, do livro respectivo número quatrocentos e seis-A, deste cartório, foi aumentado o capital da sociedade comercial, por quotas, de responsabilidade limitada, sob a denominação de «EMPRESA CINEMATOGRÁFICA AVEIRENSE, LIMITADA», com sede nesta cidade de Aveiro, de seis mil contos para nove mil e quinhentos contos, mediante elevação de quotas dos sócios Fernando Henrique Vieira Pinto Bagão, Luís Francisco Cristiano, Henrique Alves Calado, Doutor Joaquim Henriques, Casimiro de Almeida Azevedo Barreto Ferraz Sacchetti, Manuel Bento, José André da Paula Dias, D. Maria de Lourdes Ventura da Silva, João André da Paula Dias, António André da Paula Dias, Carlos Marques Mendes e D. Rosa Rodrigues Ventura de Melo e entrada dos novos sócios D. Júlia Adozinda de Seabra Cancela Duarte de Almeida, moradora nesta cidade de Aveiro, freguesia da Vera-Cruz, João Mendes Leite de Almeida, morador nesta cidade, dita freguesia da Vera-Cruz, D. Maria Laura de Seabra Cancela Duarte Barreto Sacchetti, moradora na freguesia da Vera-Cruz, desta cidade, José Luís de Azevedo Barreto Sacchetti, morador na freguesia da Vera-Cruz, desta cidade e Alfredo Henriques, morador nesta cidade de Aveiro e, consequentemente, também foi alterado o Artigo Terceiro do pacto social, que passou a ter a seguinte redacção:

TERCEIRO — O capital social, integralmente realizado, em dinheiro, é do montante de nove mil e quinhentos contos; e acha-se dividido em vinte e duas quotas, delas pertencendo: Uma, de mil e setecentos contos a Augusto Fernandes Bagão, Herdeiros; duas outras, de um milhão e setecentos e vinte e dois mil e quinhentos escudos cada uma, respectivamente a Fernando Henrique Vieira Pinto Bagão e Henrique Alves Calado (uma a cada um); — outra, de novecentos contos, a Severim Duarte; — outra, de novecentos contos, ao Doutor Joaquim Henriques; outra, de seiscentos e noventa contos, a Casimiro de Almeida Azevedo Barreto Ferraz Sacchetti; — outra, de duzentos e trinta contos, a Luís Francisco Cristiano; — outra, de duzentos e cinco contos, a Manuel Bento; — outra, de duzentos contos, a José Cândido Rebelo Pereira; — outra, de cem contos, a Armando Madail Ferreira; — cinco outras, de setenta contos cada uma, respectivamente a António André da Paula Dias, João André da Paula Dias, José André da Paula Dias, D. Maria de Lourdes Ventura da Silva, e D. Rosa Rodrigues Ventura de Melo, (uma a cada um); — outra, de sessenta contos, a Carlos Marques Mendes; — outra, de cinquenta contos, a Vicente Alcantara, Herdeiro; — duas outras, de duzentos e sessenta contos cada uma, respectivamente a D. Júlia Adozinda de Seabra Cancela Duarte de Almeida, e D. Maria Laura de Seabra Cancela Duarte Barreto Sacchetti (uma a cada uma); — e três outras, de cinquenta contos cada uma, respectivamente a João Mendes Leite de Almeida, José Luís de Azevedo Barreto Sacchetti, e Alfredo Henriques (uma a cada um)».

É certidão narrativa, que vai conforme ao original na parte transcrita a que me reporto e na parte omitida, nada há que amplie, restrinja, modifique ou condicione a parte transcrita.

Aveiro, Secretaria Notarial, nove de Agosto de mil novecentos sessenta e três.

O Ajudante da Secretaria,

Celestino de Almeida Ferreira Pires

Serviços Médico-Socials
Federação de Caixas de Previdência
AVISO
Concurso Médico

Está aberto concurso documental por 30 dias, com início em 13 de Agosto de 1963, para médicos de *Clínica Médica* do Posto Clínico n.º 50 (Aveiro), devendo a documentação ser entregue na Delegação da Zona Centro, Rua de Antero de Quental, 180 a 184 — Coimbra, na Sede da Federação — Av.ª de Manuel da Maia, 58 — 2.º — Esq. — Lisboa, até às 18 horas do dia 11 de Setembro do ano em curso.

As condições de admissão encontram-se patentes naquela Delegação, bem como na Sede da Federação e no Posto Clínico aludido.

Lisboa, 2 de Agosto de 1963

A DIRECÇÃO

Armazém

Com 30x6., junto à estação do caminho de ferro, aluga-se.

Informa Rittos & Irmão, telef. 23280 — Aveiro

ALUGA-SE

1.º andar c/ todos os requisitos, garagem e quintal. Rua S. João de Deus, 10 — 1.º.

Conservatório do Registo Civil de Aveiro

Anúncio

2.ª publicação

Severiano Pereira, 2.º Ajudante da Conservatória do Registo Civil de Aveiro, em exercício.

Faço saber que José Agostinho da Costa, casado, industrial, natural da freguesia da Vera-Cruz desta cidade de Aveiro, residente na Rua de Coimbra, n.º 4, desta mesma cidade, filho de Vicente Agostinho e de Maria José da Costa, requereu autorização para usar vàlidamente o nome de *José Agostinho da Costa Portugal.*

Assim, nos termos do n.º 1 do art.º 326 do Código do Registo Civil e achando-se a publicação deste anúncio devidamente autorizada por Despacho de 27 de Julho findo, convidam-se quaisquer interessados a deduzirem por escrito autêntico ou autenticado, no prazo máximo de trinta dias, perante a Conservatória dos Registos Centrais, a oposição que tiverem.

Aveiro e Conservatória do Registo Civil, aos 8 de Agosto de 1963

O Ajudante, em exercício,

Severiano Pereira

Atenção

Vende-se uma propriedade no princípio do lugar de Alquerubim — Calvães, tem 17 vinhas armadas em estacas de ferro e granito, tem um pomar com cento e tal árvores frutíferas, tem uma mina de água que abastece toda a propriedade a regar pelo pé. Desta propriedade avista-se o Buçaco, Trofa, Cegadães, Eirol, etc.. E' um verdadeiro sanatório. Tem cento e tal metros de frente. E' na estrada que vai de S. João para Albergaria.

Tratar na Avenida do Dr. Lourenço Peixinho, n.º 220, Aveiro, aos sábados e domingos.

Raparigas

— que saibam costurar, precisa-se para Fábrica de Camisas a abrir brevemente em Aveiro. Indicar idade e tempo de prática na costura.

Resposta ao jornal, n.º 187

Empregada de Escritório

Precisa-se, c/ conhecimento de Datilografia, conta-corrente e Arquivo.

Resposta ao jornal, n.º 186

SECÇÃO DIRIGIDA POR CARLA

Uma televisão para fazer nas horas vagas

Uma firma britânica, pioneira dos aparelhos de televisão baratos, que há cerca de dois anos lançou no mercado um aparelho que custava mais ou menos o mesmo que uma boa máquina de escrever, apresentou agora uma nova máquina de filmar para televisão que pode ser construida em casa, nas horas vagas.

O aparelho custa cerca de 3.800 escudos, mas pode ser comprado em quatro prestações.

Ligando a máquina de filmar ao aparelho de televisão receptor que se tem em casa, gera-se um circuito fechado que proporciona a quem o usa belas horas de divertimento. Mas, além desta função meramente lúdica, o novo aparelho pode servir também para escolas técnicas, a fim de treinar futuros engenheiros.

Máquina de impressão a duas cores

Uma firma do Reino Unido tem agora em produção um novo tipo de rotativa de Imprensa, para duas cores.

Bàsicamente, a nova rotativa consiste em duas unidades impressoras quase idênticas, ligadas por tambores de transparência com dispositivos adequados de maneira a garantir uma impressão a duas cores sem manchas nem borrões e tècnicamente perfeita. O acesso às chapas e cilindros de impressão de ambas as unidades é fácil.

A alimentação efectua-se por intermédio dum mecanismo rotativo de sucção intermitente. Cada sistema de depósito e alimentação de tintas consiste em quatro rolos de 7,6 centímetos de diâmetro e a distribuição possui três largos tambores e um complemento de rolos de distribuição.

Com as unidades de alimentação e depósito de tintas, existe um dispositivo de limpeza, que pode ser utilizado independentemente em qualquer das unidades. O aparelho de entrega e recolha por sucção é montado àparte e a concepção dos tambores de transferência permite uma garantia de controle completo da folha de uma unidade para a outra.

A Expansão Universitária na Grã-Bretanha

O Governo Britânico tenciona aumentar os empréstimos às universidades, a fim de lhes permitir uma expansão tanto no domínio das instalações como no das despesas anuais. Além desta medida, o aumento de 10% nos salários do corpo docente universitário, efectuado já em Dezembro do ano passado, revela bem a importância que à expansão do ensino universitário se tem vindo a atribuir na Grã-Bretanha na última década. Em 1960 e 1961, o Governo aprovou a criação de seis novas universidades, que elevará o total de estabelecimentos de ensino universitário do Reino Unido a 32.

As necessidades dum aumento do nível educativo, particularmente nos campos das ciências e da tecnologia, vieram a aumentar regularmente nos últimos anos, uma vez que se registou um acréscimo do número de alunos e de licenciados. A concorrência à admissão nas universidades britânicas revela tendência a manter-se durante a próxima década, principalmente se se tiver em conta que, após a última guerra, se registou um surto muito grande no índice de natalidade e que essas crianças do pós-guerra devem atingir a idade universitária no período correspondente aos próximos dez anos.

Ao todo, foram criadas oito novas universidades desde o fim da Segunda Guerra Mundial; são elas as de Keele, Sussex, East Anglia, York, Essex, Kent, Warwick e North West.

East Anglia e York recebem este ano o seu primeiro contigente de estudantes. Essex, Kent e Warwick recebem os primeiros contigentes de estudantes em 1964 e North West em 1964 ou 1965.

Estas universidades ou pediram já «diplomas reais» ou terão de os pedir antes de receberem os primeiros estudantes, a fim de lhes ser conferido pleno estatuto universitário. Trata-se duma modificação substancial em relação à tradição, pois antigamente as universidades começavam por ser colégios universitários que preparavam os estudantes para a licenciatura, como externos, na Universidade de Londres; só depois de funcionarem alguns anos como colégios universitários lhes era atribuído «diploma real». Quere isto dizer que, logo desde o início, estas novas universidades disporão de muito maior liberdade na escolha da sua própria organização, podendo também determinar os seus próprios programas, sem ter de os copiar de uma Universidade já estabelecida.

Keele e Sussex proporcionam maior variedade de cadeiras do que é habitual nos cursos treinais das outras universidades. Em Keele, todos os estudantes têm necessàriamente de fazer um ano propedêutico antes de escolherem qualquer curso de artes, letras ou ciências. Os cursos trienais de Sussex abrangem uma vasta gama de assuntos relacionados e York, East Anglia, Warwick e Kent anunciaram igualmente a sua intensão de adoptarem «curricula» vastos.

Em Keele, todos os estudantes são internos e as novas universidades todas manifestam tendência para que os seus estudantes possuam alojamentos nas próprias instalações universitárias, em unidades residenciais anexas. Sussex, por exemplo, tem em construção dois blocos residenciais para estudantes. East Anglia, Essex e Warwick anunciaram também a sua intenção de fazerem construir um certo número de blocos residenciais. Os estudantes de East Anglia habitarão uma pequena «aldeia» de construções pré-fabricadas, antes de ocuparem os blocos de residências permanentes que lhes serão destinados. Em York, Kent e North West, os estudantes conservar-se-ão sempre ligados à Universidade, se bem que, de início, a capacidade residencial não exceda 50% dos alunos.

Actualmente existem 117.000 estudantes ordinários nas 23 universidades da Grã-Bretanha (sem contar com a Queen's University, de Belfast), em comparação com 50.000, em 1938/39, mas este número deve aumentar para 150.000, em 1966/67, e 170.000, no princípio da década de 1970. As novas universidades desempenharão papel importante na prossecução deste objectivo de se conseguirem 150 mil estudantes na década de 70. Em 1970, com efeito, cada uma das universidades tenciona ter 3.000 estudantes. Cerca de 60 % do aumento no número de estudantes será absorvido pelas actuais instituições.

Cerca de 75 % das despesas diárias das universidades e mais de 90 % das despesas de capitais são financiadas por verbas votadas pelo Parlamento. As verbas são votadas com base em períodos de cinco anos e as verbas extraordinárias, para instalações e outras despesas extraordinárias, são votadas com bases no volume de trabalho de instalações e tarefas extraordinárias a realisar cada ano.

Com a expansão do número de estudantes, as verbas ordinárias anuais elevaram-se de 20 milhões de libras (1.600.000 contos) em 1962/63; em 1966/67, as verbas terão aumentado para 81 milhões de libras (6.480.000 contos), excluindo as verbas especiais para aumentos de salários. As verbas extraordinárias para instalações elevaram-se, só por si, de 5,7 milhões de libras (456.000 contos) em 1952, para 25 milhões de libras (2.000.000 contos) em 1962, e elevar-se-ão a 33 milhões e meio de libras (2.680.000 contos), em 1965; estas somas não incluem as despesas com a aquisição de terrenos, gastos com material e mobiliário, etc.. Este aumento maciço das instalações universitárias iniciou-se em 1953, com a decisão de promover a expansão em grande escala do Imperial College of Science and Technology, da Universidade de Londres, conquanto este projecto não esteja compreendido nos programas de instalação normais e as despesas com ele tenham sido cobertas por uma verba extraordinária que lhe foi afectada, no va-

Continua na página 5

PESCADOR INFELIZ NO CONCURSO . . .

DESENHO DE GUERRA DE ABREU

SALPICOS de HUMOR

★ Um oficial entra no paiol de munições do quartel e vai ali encontrar um operário, a executar um trabalho de pinturas, fumando tranquilamente o seu cigarro.

O oficial, indignado e fora de si, invectiva o operário:

— Idiota! Então você não sabe que há pouco tempo um descuido desses custou a vida a cento e vinte pessoas?

— Pois sim, mas aqui não pode acontecer o mesmo — respondeu o pintor, com a maior calma.

— Como assim? Por que afirma isso? — replicou o militar.

— É que... neste momento, estamos só os dois aqui!...

★ Diálogo ouvido durante a recepção dos recrutas no quartel.

Sargento: — O teu cabelo deve ter sido cortado há muito tempo!

Recruta: — E foi!...

★ Dois náufragos, que se encontram numa ilha deserta há já longos dias, sentem-se famintos.

Pergunta um deles:

— Em que está a pensar?

Responde o outro:

— No mesmo que você...

Volve o primeiro:

— Livra! Nunca pensei que você fosse antropógafo!...

★ A esposa de um ricaço de recente data, durante um chá, em sua casa, conversa num grupo de amigas.

Falava-se de livros cientificos e, a certa altura, uma das visitantes perguntou:

— Já leu a «Relatividade», de Einstein?

— Não — replicou a dona da casa, muito senhora de si —; espero que façam um filme desse livro e então vejo-o...

★ Quando o dono da livraria perguntou ao menino que estava a atender se o livro (sobre educação infantil) que lhe pedira era para a sua mãe, o jovem cliente respondeu, sisudo e imprevistamente:

— Não. É para mim. Quero certificar-me se os meus pais me estão a educar como deve ser...

★ Um judeu, aconselhando-se com outro sobre um problema que o preocupava bastante.

— Não sei, sinceramente, o que fazer: se casar com uma viúva rica, de quem não gosto, se com uma rapariga pobre, de quem gosto imenso.

— Já que me pedes conselho, digo-te que, para seres feliz, deves deposar com a mulher que amas.

— Tens razão! Casarei com ela!

— Felicito-te, amigo!... E, a propósito: já agora, importas-te de me indicar a morada da viúva rica?...

★ Dois turistas entraram num museu e um deles, mais fatigado e atrevido, a certa altura da visita, refastelou-se numa poltrona.

— O senhor não pode sentar-se aí — advertiu o cicerone. A poltrona é de Luís XV!

— Eu sei, mas não se incomode. Esteja tranquilo, que quando ele chegar eu levanto-me...

★ Em Nashville, depois de ter sido preso por ser encontrado, à noite, em cima de uma árvore situada exactamente defronte de um dormitório do colégio feminino daquela cidade, certo jovem deu a seguinte explicação na esquadra da polícia onde o conduziram:

— Andava à procura de um ninho...

ESTE ANO, NÃO HAVERÁ CAMPEONATOS NACIONAIS

Contràriamente ao que estava anunciado, não se realizam este ano os Campeonatos Nacionais de Remo, marcados para hoje e amanhã, na Pista do Rio Novo do Príncipe, em Aveiro.

A notícia, de que tivemos conhecimento na tarde do pretérito sábado, caiu como verdadeira bomba no meio desportivo aveirense, e, por certo, nos restantes centros nacionais ligados à emotiva e salutar modalidade teve igual repercussão.

Efectivamente, muitos foram os jovens que, de um momento para o outro, ficaram privados de prestar as provas finais de uma época de dedicado e persistente treino — e esta circunstância pode criar deserções e originar maior desinteresse entre os praticantes do remo competitivo. Acresce, ainda, que os clubes — sempre a braços com dificuldades sem conta na sua teimosa carolice pelo Remo — vêem, assim, ir por água abaixo os seus esforços de uma época, como todas canseirosa e difícil.

Mas, ao que sabemos, os motivos que forçaram os dirigente da Federação Portuguesa do Remo a esta sua inopinada decisão são deveras ponderosos e não permitiam outra alternativa.

Aguardamos que oficialmente nos sejam comunicadas as razões federativas — que se filiam em problemas de ordem financeira, podemos adiantar — para voltarmos a falar deste momentoso e importante assunto.

Problema que reclama urgente solução

É facto comprovado por todos nós o extraordinário afluxo de visitantes — nacionais e estrangeiros, estes em percentagem elevadíssima — às praias do litoral aveirense, na decorrente época estival.

Entre os turistas, muitos são praticantes de Campismo e dirigem-se a Aveiro porque nas suas cartas-guias internacionais vem assinalada a existência, na Barra, de um parque campista, qualificado na 1.ª categoria.

Uma vez chegados àquela praia, os visitantes são surpreendidos desagradàvelmente, com reflexos futuros em desfavorável propaganda da região aveirense — já que do citado parque campista apenas existe... o local.

Em tempos, e por iniciativa do Clube dos Galitos — segundo cremos — houve, na verdade, um parque campista na Barra. Mas tudo desapareceu e se estragou, principalmente por incúria e desinteresse de quem deveria olhar abertamente pelo problema.

Recordamos que a Câmara de Ílhavo — a que pertencem as duas vizinhas prais da Barra e Costa Nova do Prado — nada tem feito ali em favor do Campismo... E é pena, pois podia inclusive arrecadar apreciáveis receitas de um parque campista bem organizado, desde que ele reunisse um mínimo de condições de asseio e comodidade.

Continua na página 5

TORNEIO DE ABERTURA

No sábado, efectuou-se o sorteio dos jogos do *Torneio de Abertura* que a Associação de Aveiro organiza, com a participação dos cinco clubes seus filiados incluídos na II Divisão Nacional.

A prova — utilíssima como pedra de toque para se avaliar das possibilidades das equipas aveirenses — terá jornadas ao domingo e em dias de semana; estas, a realizar em Albergaria-a-Velha, A'gueda ou Ovar, serão disputadas à noite.

A ordem dos desafios é a seguinte:

1 de Setembro

Sanjoanense - Oliveirense
Espinho - Beira-Mar

Continua na página 5

XADREZ DE NOTÍCIAS

No penúltimo sábado, no Grémio do Comércio, o conhecido árbitro internacional de futebol Joaquim Campos, de Lisboa, proferiu uma notável palestra, subordinada ao tema «O A'rbitro no Campo».

Em Ílhavo, no próximo dia 25, realiza-se um festival de homenagem à equipa de infantis de bosquetebol do Illiabum, brilhante vencedora do Campeonato Nacional.

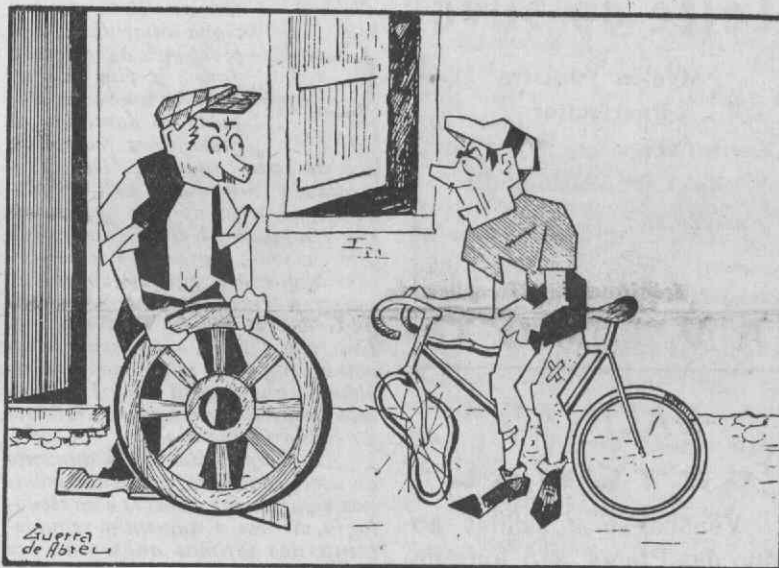
Haverá desafios de bosquete entre os infantis e os seniores do Belenenses e do Illiabum, efectuando-se também exibições de patinagem artística nos intervalos.

Finaliza amanhã a disputa do VIII Campeonato da Europa de «Moths», que tem vindo a disputar-se na Torreira, em organização da Secção Náutica da Associação Desportiva Ovarense.

O Grupo Desportivo Eixense, classificou-se em 2.º lugar no Torneio Quadrangular de Futebol, disputado no último domingo em Vouzela, eleminando, no primeiro jogo o «S. C. Nanduf», que venceu por 4-3, e perdendo na final com «Os Vouzelenses» por 1-0, após uma excelente exibição.

A equipa do G. D. Eixense, que ganhou a «Taça Cidade da Beira» e foi cotada como a melhor do torneio, apresentou os seguintes elementos: Calisto; (Décio); João Baptista, Caxeiro e Maciel; Hortense e Mário (Barbosa); Gamelas, Viriato, Fernando, Correia I (marcador de todos os tentos) e Correia II.

Na turma de futebol do Sporting de Espinho dão-se como certas as saídas do médio David e do guardião Arnaldo — este interessado em representar a Académica.

O guarda-redes Alves Pereira, que alinhou no Beira-Mar, recebeu propostas para se transferir para o Feirense, para a Ovarense e para o União de Lamas.

Nas voltas da VOLTA

APONTAMENTOS DE GUERRA DE ABREU

I CONCURSO NACIONAL DE PESCA DESPORTIVA DE MAR DE AVEIRO

Constituiu assinalado êxito a prova em epígrafe, organizada, na Barra, no passado domingo, pela Sociedade Recreio Artístico.

Estiveram presentes 186 concorrentes, em representação de equipas de 17 clubes de vários pontos do País.

Na próxima semana, publicaremos as classificações apuradas na prova, que decorreu plena de interesse.

DESPORTOS

Secção dirigida por António Leopoldo

LITORAL
17-8-63 ★ Ano IX ★ N.º 459
AVENÇA